



DOI: 10.20396/LIL.V23I46.8659716

QUANDO A LÍNGUA É PATERNA: OS SENTIDOS DAS EXPRESSÕES *SERMO PATRIUS* E *PATRIA LINGUA* NA ANTIGUIDADE

WHEN THE LANGUAGE IS PATERNAL: THE MEANINGS OF THE EXPRESSIONS *SERMO PATRIUS* AND *PATRIA LINGUA* IN ANTIQUITY

José Edicarlos de Aquino*

UFT

Resumo: *O objetivo do presente ensaio é de analisar, no conjunto das expressões que são empregadas na Antiguidade para nomear as línguas, os sentidos construídos em torno das expressões sermo patrius e patria lingua. Procuramos demonstrar o efeito da modificação do status e do imaginário sobre a língua latina na forma como ela é nomeada. Dessa forma, chegamos à afirmação de que o status e a relação das línguas não são fixos, que seu funcionamento e, em articulação, sua nomeação podem mudar ao longo da história.*

Palavras-chave: *Antiguidade, Latim, Patria lingua, Patrius sermo, Nome da língua.*

Abstract: *The purpose of this essay is to analyze, in the set of expressions that are used in antiquity to name languages, the meanings built around the expressions sermo patrius and patria lingua. We seek to show the effect of changing the status and imagery on the Latin language in the way it is named. In this way, we arrive at the statement that the status and relationship of languages are not fixed, that their functioning and, in articulation, their naming may change throughout history.*

Keywords: *Antiquity, Latin, Patria lingua, Patrius sermo, Name of language.*

1. Introdução

Há algum tempo, na perspectiva da História das Ideias Linguísticas, temos pesquisado a emergência e a circulação da expressão língua materna no Ocidente, de forma a questionar as evidências formadas em torno dessa que é provavelmente uma das locuções mais canônicas nas indagações sobre a linguagem, mas que, no entanto, é empregada largamente sem maiores explicações, como se seu sentido fosse evidente. Nosso intuito foi sempre o de demonstrar que, em vez de responder pura e simplesmente à figura da mulher, a expressão língua materna corresponde primeiramente a certas configurações sociopolíticas na história. Dessa forma, ao longo de uma série de textos (AQUINO, 2012a, 2012b, 2016, 2017, 2019), conseguimos mostrar que a expressão língua materna é uma invenção medieval, empregada inicialmente em latim, nos textos da Igreja, como forma de contrapor essa língua aos vernáculos emergentes, apontando problemas peculiares da sociedade medieval e as questões linguísticas implicadas, tais como a organização social dividida entre clérigos e leigos e a própria formação do clero, o desaparecimento do papel vernacular do latim e a sua manutenção como língua do saber letrado e da vida religiosa e a emergência dos vernáculos europeus, além de uma reflexão gramatical sobre esses vernáculos.

Nesses estudos, apontamos frequentemente o funcionamento das expressões *sermo patrius* e *patria lingua* na Antiguidade como uma prova contra a suposta evidência dos sentidos de língua materna como a *primeira língua*, a *língua da infância*, a *língua que se contrapõe a uma língua estrangeira*, pois esses sentidos estão sendo mobilizados justamente por aquelas expressões, que podem ser livremente traduzidas como *língua do pai* ou *língua da pátria*, em um momento em que sequer havia registros da expressão língua materna.

Retomando essas questões, o objetivo do presente ensaio é de analisar mais demoradamente os sentidos construídos em torno das expressões *sermo patrius* e *patria lingua* em variados textos da Antiguidade e também, comparativamente, em um escrito da Alta Idade Média. Ao mesmo tempo, também observamos e comparamos as traduções das expressões *sermo patrius* e *patria lingua* realizadas por tradutores modernos¹. Dessa forma, no nosso percurso de análise,

abordamos questões como as nomeações da língua em latim e a construção e modificação do imaginário sobre a língua latina na história, bem como a marcação, por meio da nomeação, das circunstâncias de aprendizagem da língua e dos vínculos da língua com o território. Com tudo isso, procuramos finamente demonstrar o efeito da modificação do status e do imaginário sobre a língua latina na forma como ela é nomeada, o que nos permitirá afirmar que o status e a relação das línguas não são fixos, que seu funcionamento e, em articulação, sua nomeação podem mudar ao longo da história.

2. Sobre nomeação e sentido: uma nota inicial sobre os fundamentos teórico-metodológicos

Ao retomar os trabalhos de J. Guilhaumou sobre o exame das denominações no estudo do acontecimento discursivo, Orlandi (2009, p. 192) defende que “a história é inseparável da construção discursiva do referente”, argumentando que “um nome não depende só de argumentos que tragam a marca da objetividade da ciência mas depende de uma conjuntura histórica mais ampla histórica e política” (2009, p. 193). É por essa razão que afirmamos que o nome da língua está longe de ser uma questão banal, podendo mesmo admitir que “a história das representações do objeto ‘língua’ é a história das nomeações desse objeto”, já que “nome da língua nos permite não apenas analisar como aqueles que refletiram sobre a linguagem construíram esse objeto ‘língua’, mas também como eles apreenderam a diversidade linguística, bem como o próprio desenvolvimento das ideias linguísticas” (AQUINO, 2012b, p. 71).

Para refletir sobre o nome da língua, fazemos preferencialmente uso do termo nomeação, entendendo-a como “o funcionamento semântico pelo qual algo recebe um nome”, segundo definição de Guimarães (2005, p. 9), e como um modo de estabilizar e individualizar um acontecimento, como descrito por Orlandi (2009). Dessa forma, não tomamos a linguagem como transparente.

Ao falar sobre a história de uma palavra ou de uma locução, no nosso caso, as expressões *sermo patrius* e *patria lingua*, é possível recorrer, por exemplo, à etimologia. E assim o fizemos, mas não como mecanismo determinante de análise, já que a etimologia apresenta certos riscos, como a “falsidade” etimológica, uma vez que ela se baseia, entre outras coisas, na semelhança entre significantes. Além

disso, o sentido das palavras tende a se separar das suas origens, o que não significa, contudo, que a etimologia seja totalmente dispensável.

Nos interessamos antes de tudo pela construção histórica dos sentidos, o que nos coloca de forma incontornável no interior de uma língua, e dada a relação constitutiva entre língua e metalinguagem (AUROUX, 1992), entre língua e conhecimento linguístico (ORLANDI, 2002), tal como trabalhada na História das Ideias Linguísticas, nos coloca também no interior de certo esquema de saber sobre a língua.

Se não é possível dar uma resposta definitiva à questão do sentido, como afirma, Paul Henry (1993), está ao nosso alcance, contudo, reformulá-la. Admitimos com Orlandi (2007, p. 42) que “os sentidos não estão nas palavras elas mesmas. Estão aquém e além delas”, isto é, eles “não estão predeterminados por propriedades da língua”. Em razão disso, questionando a evidência dos sentidos, podemos dizer que eles são construídos historicamente, efeitos, portanto, do encontro da língua com a história.

Como não acreditamos haver uma relação termo-a-termo entre palavra, pensamento e coisa, mas a construção discursiva do referente, como defende Orlandi (2009), procuramos observar as condições históricas nas quais se constituem as práticas de nomeação das línguas.

Para analisar os sentidos das expressões *sermo patrius* e *patria lingua*, nosso ensaio toma uma concepção histórica e discursiva do sentido justamente por por assumir que o sentido se dá pela relação – da língua com a história, da língua com os sujeitos, dos sujeitos com as instituições, das instituições com o Estado etc. Assim, fazemos trabalhar as palavras Orlandi (2009) de que

pensar o nome da língua é tomar em conta a história do saber produzido sobre ela, é conhecer a história da própria língua em sua prática e funcionamento, é analisar as injunções da conjuntura política e social, é apreender a constituição de seu sujeito (ORLANDI, 2009, p. 193).

3. A ausência da expressão língua materna na Antiguidade

No fundo do livro IV das suas *Metamorfoses*, datadas por volta da primeira década da nossa era, o poeta romano Ovídio narra o destino da jovem Andrômeda. Cassiopeia, mãe de Andrômeda e rainha da Etiópia, ofendera as Nereidas, as ninfas marinhas, ao se comparar com elas em beleza. Em resposta a tamanho ato de arrogância, o deus supremo do mar, Poseidon, enviara sobre o país um monstro marinho para devorar os habitantes e seus rebanhos. Para maior desgraça, o oráculo de Zeus, Amon, proclamara que só o sacrifício de Andrômeda poderia aplacar a fúria da monstruosa criatura. Acorrentado a um rochedo que se debruça sobre o mar, o corpo de Andrômeda é oferecido à imolação. No verso 670, antes de contar a libertação da princesa por obra de Perseu, Ovídio lamenta o imerecido castigo sofrido pela jovem: *Illic inmeritam maternae pendere linguae Andromedan poenas inmitis jusserat Ammon*. Encontra-se aí, segundo Tombeur (2005), o único registro do adjetivo *maternus* em combinação com o substantivo *lingua* na Antiguidade.

Apesar de não haver dúvida sobre o fato de o adjetivo *maternus* qualificar o substantivo *lingua* no verso escrito por Ovídio, a fórmula resultante dessa associação, *materna lingua*², não deve ser tomada como um registro da expressão língua materna. Prova disso é que, quando analisamos as traduções do verso de Ovídio em diferentes línguas, verificamos que jamais a locução *materna lingua* é traduzida como “língua materna”. Nas traduções das *Metamorfoses* feitas para o francês por Georges Lafaye (1925) e J. Chamonard (1936), *materna lingua* é traduzida como *langage insolent de sa mère* e *langage de sa mère*, respectivamente:

Tradução de Georges Lafaye

<i>Andromède payait d'un châtement immérité le langage insolent de sa mère.</i>	Andrômeda pagava um castigo imerecido pela linguagem insolente de sua mãe.
---	--

Tradução de J. Chamonard

<i>Là, l'innocente Andromède expiait, sur l'ordre du cruel Ammon, les écarts de langage de sa mère.</i>	Ali, a inocente Andrômeda expiava, sob as ordens do cruel Amon, os erros da linguagem da sua mãe.
---	---

A locução *materna lingua*, conforme mostram as traduções acima, bastante semelhantes, parece significar nos versos de Ovídio não uma língua, mas o que é dito a partir de uma língua. Ao se comparar com as ninfas, considerando-se tão bela quanto elas, Cassiopeia se excede no falar. Por falar de maneira insolente, a mãe de Andrômeda ofende as Nereidas. O castigo sofrido pela princesa da Etiópia não se deve ao fato de sua mãe ter usado essa ou aquela língua. Ele se deve ao conteúdo da fala de sua mãe.

Guido Paduano (2000), ao transpor os versos de Ovídio para o italiano, apaga qualquer referência a uma língua e dá como tradução para *materna lingua* a fórmula *insolentia materna*:

<p><i>Là il feroce Ammone aveva voluto Che Andromeda Pagasse, innocente, le colpe dell'insolentia materna.</i></p>	<p><i>O feroz Amon queria que Andrômeda pagasse, mesmo inocente, pela culpa da insolência materna.</i></p>
--	--

A estratégia de tradução adotada por Guido Paduano nos permite confirmar o comentário anterior: tal como aparece em Ovídio, *materna lingua* não significa uma língua, mas o conteúdo de uma fala, o excesso no falar, o comportamento de uma mãe. Por isso havíamos dito que não se deve tomar a locução ovidiana *materna lingua* como um registro da expressão língua materna no sentido de uma língua específica, de um idioma. Nesse caso, trata-se, literalmente, de “língua da mãe”, como confirmam os trabalhos de Anne Grondeux (2008) e Paul Tombeur (2005), que tocam o problema do uso da locução *materna lingua* na obra de Ovídio.

4. As nomeações da língua em latim: a preeminência das expressões *patria lingua* e *patrius sermo*

Se as traduções das *Metamorfoses* realizadas por Georges Lafaye, J. Chamonard e Guido Paduano não dão vida à expressão língua materna, o mesmo não se passa com aquelas que Louis Halphen e Samuel Epes Turner fazem da obra medieval *Vita Karoli Magni*, escrita originalmente entre os anos 829 e 836 da nossa era por Eginhard (770-840). No entanto, cabe observar que, diferentemente de Ovídio, que faz

uso da forma *materna lingua*, as expressões empregadas por Eginhard são *patria lingua* e *patrius sermo*. Tombeur (2005) nos mostra que, na edição francesa da *Vita Karoli Magni*, Louis Halphen (1923) traduz expressão *patria lingua* como *langue maternelle* e *patrius sermo* como *langue nationale*. Na tradução que Samuel Epes Turner (1880) faz do texto de Eginhar para a língua inglesa, *patrius sermo* é traduzido como *native language* e *patria lingua* como *native tongue*. O confronto entre o texto de Eginhard e suas respectivas traduções, cujos trechos transcrevemos logo abaixo, nos revela aspectos interessantes no que se refere à nomeação das línguas em latim.

Texto de Eginhar³

<p><i>Erat eloquentia copiosus et exuberans poteratque quicquid vellet apertissime exprimere. Nec patrio tantum sermone contentus, etiam peregrinis linguis ediscendis operam impendit. In quibus Latinam ita didicit, ut aequae illa ac patria lingua orare sit solitus, Grecam vero melius intellegere quam pronuntiare poterat.</i></p>	<p>Carlos Magno falava com abundância e facilidade, sabendo exprimir tudo o que desejasse com uma grande clareza. Não satisfeito com sua língua da pátria, dedicou-se ao estudo de línguas estrangeiras, tendo aprendido tão bem o latim que se exprimia tão bem nele quanto na sua língua da pátria; quanto ao grego, podia entendê-lo melhor do que pronunciá-lo.</p>
--	---

Tradução de Louis Halphen⁴

<p><i>Il parlait avec abondance et facilité et savait exprimer tout ce qu'il voulait avec une grande clarté. Sa langue nationale ne lui suffit pas, il s'appliqua à l'étude des langues étrangères et apprit si bien le latin qu'il s'exprimait indifféremment en cette langue ou dans sa langue maternelle.</i></p>	<p>Ele falava com abundância e facilidade e sabia exprimir tudo o que queria com uma grande clareza. Sua língua nacional não lhe bastava, ele se aplicou ao estudo das línguas estrangeiras e aprendeu tão bem o latim que se exprimia indiferentemente nessa língua ou na sua língua materna.</p>
--	--

Tradução de Samuel Epes Turner⁵

<p><i>Charles had the gift of ready and fluent speech, and could express whatever he had to say with the utmost clearness. He was not satisfied with command of his native language merely, but gave attention to the study of foreign ones, and in particular was such a master of Latin that he could speak it as well as his native tongue; but he could understand Greek better than he could speak it.</i></p>	<p>Carlos tinha o dom da fala fácil e fluente e podia expressar o que quer que tivesse a dizer com a maior clareza. Não estava satisfeito com o conhecimento apenas de sua língua nativa, mas deu atenção ao estudo das estrangeiras, e em particular foi tão mestre em latim que podia falá-lo tão bem quando sua língua nativa; mas entendia o grego melhor do que podia falá-lo.</p>
---	---

As expressões *patrius sermo* e *patria lingua*, como empregadas na obra de Eginhard, são formadas por dois substantivos diferentes, *sermo* e *lingua*, e pelo mesmo adjetivo, *patrius*. Esses substantivos são, segundo Bruno Rochette (2009), as duas palavras mais corriqueiramente empregadas para dizer *língua* em latim, concorrendo com as formas *dictio*, *eloquium*, *fabula*, *locutio*, *loque(l)la*, *oratio*, *verbum*, nomes da língua cujos empregos apresentamos esquematicamente abaixo:

<i>Dictio</i>	<p><i>Nomen actionis</i> ligado a <i>dicere</i>. “ação de dizer, de exprimir, de pronunciar”</p>	<p>Corrente na linguagem dos tribunais, se especializa na língua da retórica com o sentido de “dicção”.</p>
<i>Eloquium</i>	<p>Derivado de poético de <i>eloqui</i>. “língua, fala”.</p>	<p>Emprega-se apenas a partir de Estácio com o sentido de “língua, fala”. Também teve esse sentido no latim cristão.</p>
<i>Fabula</i>	<p>Derivado de <i>fari</i>. “o de que se fala, conversa”.</p>	<p>Como <i>sermo</i>, aplica-se à prática oral da língua. A palavra pertence à língua popular (Plauto, Petronio).</p>

<i>Locutio</i>	<i>Nomen actionis</i> ligado a <i>loqui</i> . “ação de falar, fala, linguagem”.	Pertence à terminologia da gramática e da retórica.
<i>Loque(l)la</i>	Derivado poético de <i>loqui</i> . “fala, linguagem, palavras”.	Como <i>sermo</i> , aplica-se primeiramente à prática oral da língua.
<i>Oratio</i>	<i>Nomen actionis</i> ligado a <i>orare</i> . “faculdade de falar, linguagem, fala”.	Designa um discurso elaborado, ao contrário de <i>sermo</i> , que é o discurso mais espontâneo da conversação ou da língua de todos os dias. Todavia <i>oratio</i> também é encontrado com esse último sentido.
<i>Verbum</i>	“palavra, termo, expressão”.	Designa uma palavra isolada, mas também várias palavras reunidas. No latim cristão, <i>verbum</i> exprime o grego λόγος (<i>lógos</i>).

De acordo com Rochette (2009), de quem tomamos o esquema de nomeações da língua em latim mostrado acima, H. Menge assinala que por *sermo* se deve entender a língua como meio de comunicação e compreensão bilateral, a manifestação concreta de uma língua, que depende do falante e apresenta numerosas variações, a língua em uso, sendo possível, dessa maneira, encontrar nos textos latinos expressões como *sermo humilis*, *sermo cotidianus*, *sermo familiaris*, *sermo uulgaris*, *sermo rusticus*, formas que parecem expor divisões entre uma língua familiar, do cotidiano e do espaço privado, e uma língua normatizada, uma língua do espaço público. Também segundo H. Menge, por *lingua* se deve entender a língua na qual um povo se

exprime por oposição a outras línguas de outros povos, isto é, a língua que se pode aprender, conhecer, falar.

5. Pai Pátria: o sentido etimológico do vocábulo *patrius*

Detenhamo-nos agora no adjetivo presente nas expressões *patrius sermo e patria lingua, patrius*, um derivado do nome latino *pater* (“pai”). Quando analisa o vocabulário de parentesco nas línguas indo-europeias, o linguista Émile Benveniste (1995) observa que a forma **pāter* do indo-europeu, a partir da qual se forma *pater* em latim, não se refere a um pai físico, funcionando antes como um termo classificatório e apontando um pai universal. O nome divino *Jupiter*, por exemplo, teria saído da forma da invocação **dyeu pater* (“Céu pai!”), exatamente recoberto pelo vocativo grego *Zeû páter* (Ζεὺ πάτερ). Desse modo, com base em *pater*, foi possível a criação do termo latino *patria* (“pátria”), derivação não realizada de maneira direta. Para diferenciar, em latim, o *pater* jurídico do *pater* pessoal, físico e genitor, é criado o adjetivo *paternus*, formado por analogia a partir de *maternus*, adjetivo derivado de *mater* (“mãe”). É interessante perceber que, diferentemente do que ocorre com *pater*, cujo adjetivo corresponde é *patrius*, o adjetivo formado a partir de *mater* (“mãe”) é *maternus* e não *matrius*. De acordo com o linguista, a razão disso é a situação legal da mãe, uma vez que o direito romano não reconhece uma instituição à qual caiba um adjetivo *matrius*, forma que colocaria pai e mãe em posição de igualdade.

Coexistindo inicialmente com *patrius*, o adjetivo *paternus* ganha terreno e acaba por prevalecer nas línguas românicas. Em latim, enquanto é possível encontrar *paternus* em associação com *hospes* (“hóspede”), *amicus* (“amigo”) e *seruus* (“escravo”), indicando sempre uma relação de homem para homem, *patrius* passa a ser empregado em expressões consagradas, como *patria potestas*, o poder exercido pelo *paterfamilias* sobre os membros de sua casa, casos em que o adjetivo *paternus* nunca é encontrado. Há ainda um terceiro adjetivo derivado do nome *pater*, *patricius* (“patrício”), isto é, aquele que descende de pais nobres, livres, remetendo à hierarquia social. Como se percebe pela análise etimológica realizada pelo linguista, há três linhas de derivação do substantivo latino *pater*, cada qual relacionada a uma noção diferente. A diferença entre *patrius* e *paternus* se define como a distinção entre um adjetivo genérico e um adjetivo específico. Dessa

forma, *patrius*, diferentemente de *paternus*, não significa o pai físico, mas a pátria, tendo, segundo Batany (1982), sentido mais jurídico e quase político.

6. Os sentidos mobilizados pelas expressões *patrius sermo* e *patria lingua*: circunstâncias de aprendizagem da língua e vínculos da língua com o território

Embora a etimologia possa nos dar pistas importantes sobre os sentidos das expressões *patrius sermo* e *patria lingua*, nos levando a descartar o sentido de uma língua de pai físico, pois *patrius* etimologicamente não significa *pai*, mas *pátria*, o emprego dessas expressões nos textos nos parece mais produtivo para a análise dos seus sentidos que o próprio sentido etimológico, mesmo porque, como já dissemos antes, um aspecto determinante no que se refere à etimologia é o fato de o sentido de uma palavra, a partir de um dado momento, não ter mais nenhuma ligação com seu sentido etimológico. Basta observar, por exemplo, que, apesar de ter sido derivada de *pater*, a pátria torna-se mãe, a mãe pátria. O que, e quanto, uma palavra guarda da etimologia é um problema de que não vamos nos ocupar.

Aproveitando para dar maiores esclarecimentos sobre o texto de Eginhard, passamos agora a analisar os sentidos mobilizados pelas expressões *patrius sermo* e *patria lingua* no texto desse autor.

Funcionário da corte franca, Eginhard era amigo íntimo de Carlos Magno. Os trinta e três livros da sua *Vita Karoli Magni* abordam episódios e aspectos variados da vida do lendário imperador: ascensão, guerras, conquistas, vida particular, aparência, vestimentas, hábitos, traços do caráter etc. O vigésimo quinto livro, fonte do trecho transcrito anteriormente, se detém no relato dos estudos realizados por Carlos Magno, que é louvado por sua eloquência, cultivo das artes liberais, conhecimento especial da astronomia, pelas lições de gramática com Pedro de Pisa e os ensinamentos recebidos de Alcuíno. Nas palavras de Eginhard, Carlos Magno se aplicou ao estudo de línguas estrangeiras por não lhe bastar seu *patrius sermo*, tendo podido se expressar tão facilmente em latim quando na sua *patria lingua*.

A língua de berço de Carlos Magno, se assim podemos dizer, era o alemão austrasiano. É essa língua, portanto, que recebe o nome de *patrius sermo* e *patria lingua*. Identificar a língua recoberta por essas denominações, no entanto, é menos importante do que apontar os sentidos

dessas próprias nomações. Dito isso, é importante observar que, no texto de Eginhard, *patrius sermo* e *patria lingua* são postas em contraposição às *peregrinis linguis* (“línguas estrangeiras”), aí colocados o latim e o grego. Por ter nascido no reino da Austrásia, Carlos Magno tem como *patrius sermo*, como *patria lingua*, o alemão austrasiano. No entanto, insatisfeito por dominar apenas essa língua, ele se pôs a aprender o latim e o grego. Temos aí, portanto, a articulação entre uma língua e um reino, uma pátria, e a consequente divisão entre a língua própria da pátria e a(s) língua(s) de fora da pátria. Além da articulação entre uma língua e uma pátria, temos aí também uma categorização da língua segundo a ordem em que ela é aprendida, uma distinção entre uma língua que já se tem e línguas que são aprendidas em um segundo momento.

As nomeações *patrius sermo/patria lingua* e *peregrinis linguis* marcam diferentes circunstâncias de aprendizagem da língua e diferentes vínculos da língua com o território. Enquanto uma é aprendida naturalmente, na infância, podemos supor, empregada em uma dada pátria, na pátria onde se nasce, e se mostra insuficiente às necessidades de falantes como Carlos Magno, a outra, por sua vez, como demonstra o verbo latino *edisco*, ‘aprender de cor, decorar, acostumar-se’, de quem *peregrinis linguis* é complemento, exige certa dedicação aos estudos para ser aprendida, sendo proveniente de outra pátria, empregada em terras estrangeiras. Nessa série de sentidos, a língua da pátria acaba por significar também a primeira língua aprendida, a língua adquirida na infância, sem necessidade de instrução formal. Também no cruzamento de sentidos, estabelece-se outra língua, a língua de outra pátria, uma língua estrangeira, que, por ser de fora, só pode ser aprendida em um segundo momento, não mais naturalmente, mas através do estudo, da memorização.

7. O funcionamento das expressões *patrius sermo* e *patria lingua* como prova contra a evidência dos sentidos (da expressão língua materna)

Tendo em vista o que foi exposto acima, voltemos mais uma vez nossa atenção às estratégias de tradução de Louis Halphen e Samuel Epes Turner. Cabe lembrar que, pelo sentido etimológico do adjetivo *patrius*, as expressões *patrius sermo* e *patria lingua* deveriam ser traduzidas como *língua da pátria*. Ao traduzir essas expressões para o

inglês, Turner interpreta o adjetivo latino *patrius* como *native*; e os substantivos latinos *sermo* e *lingua*, como *language* e *tongue*, respectivamente, dando as formas *native language* e *native tongue*. Na tradução para o francês, Halphen emprega um mesmo nome, *langue*, e faz uso de dois diferentes qualificativos, *nationale* e *maternelle*, gerando as formas *langue nationale* e *langue maternelle*.

Como mostramos, *patrius sermo* e *patria lingua* marcam não apenas uma ligação específica entre uma língua uma pátria, mas também circunstâncias específicas de aprendizagem da língua, apontando uma adquirida naturalmente em uma pátria, um dado território, um dado país, sendo, nesse sentido, a primeira língua aprendida, em oposição a uma língua que se aprende em um segundo momento da vida, de forma não natural, por dedicação aos estudos, uma língua proveniente de outra pátria, de outro território, de outro país, uma língua estrangeira. Não é essa justamente a rede de sentidos associada atualmente à língua materna?

A expressão língua materna não aparece nos textos clássicos, mas os sentidos hoje associados a ela estão lá, ou melhor, os sentidos dados atualmente à língua materna são postos nos textos clássicos por outros significantes, *patrius sermo* e *patria lingua*, com outro funcionamento, é claro, em virtude, principalmente, de uma relação da língua com os falantes que não poderia ser igual, mesmo porque o espaço de circulação das línguas quando emerge a expressão língua materna já não é o mesmo daquele em que imperam *patrius sermo* e *patria lingua*. Não estamos querendo dizer com tudo isso que os sentidos existem e se vão costurando ao longo do tempo a diferentes significantes, como se o que mudasse, no fundo, fosse apenas o significante, e como se o próprio significante fosse uma espécie de refém provisório de sentidos eternos, indiferentes ao tempo e ao espaço. Não! Procuramos simplesmente demonstrar que as estratégias de tradução de Halphen e Turner revelam que há algo nas expressões latinas *patrius sermo* e *patria lingua*, no emprego que se faz delas, que, pelos tradutores, de quem não estamos muito afastados no tempo, é reconhecido como língua materna, ou nativa, ou nacional etc.

A análise que fizemos do funcionamento das expressões *patrius sermo* e *patria lingua* no texto de Eginhard, assim como a discussão sobre as estratégias de tradução desse texto, são revertidas por nós em provas contra uma suposta relação de evidência entre a expressão língua

materna e sentidos como *primeira língua*, e por extensão, *língua da infância*, *língua das origens*, *língua que se contrapõe à(s) língua(s) estrangeira(s)*, *língua da pátria*. Essa relação de sentidos não é natural. Ora, ainda que com outro funcionamento, esses sentidos estão sendo mobilizados pelas expressões *patrius sermo* e *patria lingua* em um momento em que sequer havia registros da expressão língua materna. Com efeito, segundo Grondeux (2008), as locuções consagradas na Antiguidade para nomear aquilo que hoje recebe o nome de língua materna são, por ordem de frequência, *sermo patrius*, *sermo nativus* e *lingua patria*, sendo que, com o tempo, *lingua patria* se impõe como forma mais frequente em detrimento de *sermo patrius*. No mesmo caminho, Tombeur (2005) afirma que, quando os antigos falavam do que nós concebemos como língua materna, eles se exprimiam utilizando a expressão *sermo patrius*.

8. As expressões *sermo patrius* e *lingua patria* como formas de nomear o latim na Antiguidade: construção e modificação do imaginário sobre a língua latina

Desde o primeiro século antes da era cristã, é possível encontrar as expressões *sermo patrius* e *lingua patria* empregadas como formas de nomear o latim, sendo um exemplo disso as obras dos poetas romanos Propércio e Lucrécio. Partindo da análise de fragmentos dos textos desses poetas⁶, teremos a oportunidade tecer alguns comentários sobre os discursos sobre a língua latina e abordar pontualmente as mudanças pelas quais essa língua passou até a emergência das línguas românicas.

Os quatro livros que formam toda a obra de Propércio (45?-15? a.C.), conhecida pelo título de *Elegiae* (“Elegias”), ocupam um lugar importante na poesia clássica romana. Nessa obra, além de cantar seu amor por Cíntia, o poeta narra mitos e faz reflexões sobre arte e poesia e também conta histórias sobre a fundação da cidade de Roma e a instituição dos ritos romanos. No livro IV, a voz é dada ao deus das mudanças da natureza, que explica a origem do seu nome:

<p><i>at mihi, quod formas unus vertebar in omnis, nomen ab eventu patria lingua dedit.</i></p>	<p>a mim, por ser capaz de tomar todas as formas, a língua da pátria deu esse nome.</p>
---	--

O nome do deus, Vertuno, é derivado do verbo latino *vertere*, ‘voltar, virar, verter, mudar’. De origem etrusca, eternizado enquanto mito na companhia de sua mulher, a ninfa dos bosques Pamona, a exemplo do que se passou com outros deuses romanizados, Vertuno passa a ser assim chamado quando é adotado como divindade romana. Vertuno é seu nome em *patria lingua*, em latim, língua da população do Latium desde pelo menos o século VI a.C, idioma com que o Império Romano avançou sobre toda a Itália, eliminando outros ramos do itálico, como o osco e úmbrio, conforme Philippe Wolff (1970), mantido apenas como língua administrativa em quase toda parte oriental do Império e sofrendo grande resistência das línguas aí faladas, sobretudo do grego, consoante P. Chantraine (1937).

No seu poema *De Nature Rerum* (“Sobre a natureza das coisas”), Lucrécio (99?-55? a.C.) trata de temas da doutrina epicurista. A certa altura, o poeta lança o seguinte lamento:

<p><i>nec nostra dicere lingua homeomerian concedit nobis patrii sermonis egestas.</i></p>	<p>e a pobreza do falar da língua da pátria não permite transpor homeomeria para nossa <i>língua</i>.</p>
--	--

O vocábulo grego homeomeria é um termo fundamental da filosofia de Anaxágoras. Esse vocábulo não pode ser traduzido em virtude da *egestas* (“pobreza”) do *sermo patrius*, forma como Lucrécio nomeia o latim. Esse pequeno trecho da obra de Lucrécio nos aponta a constituição de um certo imaginário sobre a língua latina que atravessa a Antiguidade Clássica: o latim, comparado ao grego, é uma língua pobre.

No mesmo período em que escritores como Lucrécio e Propércio usam as expressões *sermo patrius* e *lingua patria* para nomear o latim, o aprendizado do grego se mostra uma prática comum da elite romana, conforme Michel Dubuisson (1981). No entanto, como afirma esse autor, se a elite romana aprende, conhece e admira a cultura literária grega, é por obrigação que os gregos aprendem a língua da administração do Estado romano e não chegam a atingir o aprendizado da cultura romana e da literatura latina. Paul Veyne (2009, p. 32) faz o seguinte retrato dos domínios da vida em que cada uma dessas línguas intervém:

Nenhum romano de bom nascimento pode se dizer culto se não aprendeu com um preceptor a língua e a literatura gregas, enquanto os gregos mais cultos não se davam ao trabalho de aprender latim e soberbamente ignoravam Cícero e Virgílio [...]. Os intelectuais gregos que, como os italianos do século XVI, iam alugar seus talentos no estrangeiro exerciam naturalmente sua sabedoria médica ou filosófica em grego, língua de suas ciências; em Roma acabavam aprendendo, pela força do uso, um pouco de latim. No final da Antiguidade, os gregos só passarão a aprender metodicamente latim para fazer carreira de jurista na administração imperial.

Para os romanos, o grego é a língua da cultura. Para os gregos, o latim é a língua da administração – isso pelo menos até o ano mil. Como não foi possível aos gregos escapar do peso das armas e da administração dos conquistadores romanos, não é de surpreender que os empréstimos que a língua grega recebeu do latim se tenham dado justamente no vocabulário que diz respeito a esses domínios, comportando, no máximo, alguns termos mais ou menos isolados concernentes a objetos ou práticas da vida familiar, como nos diz Chantraine (1937). De acordo com o autor, ao mesmo tempo em que a publicação de decretos oficiais em grego e em latim põe em circulação os termos técnicos da administração do Império, tornando até numerosos os empréstimos de palavras latinas ao vocabulário administrativo grego, a filosofia e a medicina eram ensinadas, mesmo fora da Grécia, na língua grega, o que explica a razão de o grego não ter tomado emprestado do latim termos gerais ou filosóficos.

A palavra grega βάρβαρος (“bárbaro”) é indicadora da indiferença dos gregos pelas línguas estrangeiras e pelos falantes dessas línguas, como o desinteresse pela língua latina. De fato, segundo Dubuisson (1981), essa palavra servia para englobar em um único grupo todos os povos não gregos, sendo que, na sua origem, ela designaria não somente aqueles que não falavam grego, mas também aqueles que não possuíam uma linguagem “articulada”, “civilizada”. Por esse critério grego de

agrupamento dos povos, como não gregos, os romanos faziam parte dos povos bárbaros. Como afirma Dubuisson (1981), não sem deboche, Plauto (254?-184? a.C.), nos prólogos de suas peças, admite ter traduzido “em linguagem bárbara”, isto é, em latim, as peças gregas. Suas peças, escritas para um público popular, são um registro importante das mudanças pelas quais o latim passava na medida em que adotam voluntariamente aquilo que é enxergado como “tiques” e “manias” da língua do público, mostrando, por exemplo, o uso de pronome pessoal com verbo – uma combinação estranha a uma língua de flexão como o latim, em que a o papel de uma palavra na frase é normalmente indicado pela desinência colocada no fim dessa palavra, o que permite fazer economia de artigos, pronomes, preposições –, a permuta de pronomes relativos e interrogativos e a assimilação do gênero neutro ao masculino (*dorsum*>*dorsus*), conforme Wolff (1970). Por essa época, enquanto se dizia que o latim era uma língua pobre e enquanto essa própria língua passava por mudanças que a deixavam cada vez mais com a feição das línguas modernas, se dá a introdução da gramática em Roma, uma introdução que se deve aos gregos, operação contada de maneira anedótica por Suetônio (70?-130? d.C), para quem a origem da gramática em Roma se deve à longa estada do sábio grego Crates de Malos (-197?-159? a.C) nessa cidade por ocasião de um acidente com a perna, permitindo-o, durante sua convalescença, realizar conferências sobre gramática aos romanos, como relatam Colombat, Fournier e Puech (2017). De fato, segundo os autores, foi possível descrever o latim de forma sistemática graças às categorias desenvolvidas para o grego, sendo que a própria descrição do latim foi empreendida inicialmente pelos gregos, a que deram continuidade aqueles de origem grega frequentemente, pois, se desde sua origem, o latim possui um vocabulário metalinguístico para a fala, não se fazia, contudo, um estudo sistemático dessa língua. Assim, o confronto com o grego está na origem do desenvolvimento do interesse pela língua latina, de forma que os primeiros textos nessa língua, no que mostram de abordagem metalinguística, tratam, por exemplo, da tradução de uma palavra de uma língua à outra, manifestando interesse por palavras difíceis, além de temas como a distinção de sinônimos em latim e a etimologia de palavras latinas, reflexões essas marcadas por seu caráter ocasional, não sistemático, conforme o relato que os autores acima fazem do trabalho de Funaioli (*Grammaticae romanae*, 1907).

Esse movimento de ligação entre o latim e o grego é acompanhado por Dubuisson (1981) por meio da análise do emprego da expressão *utraque lingua* nos textos latinos: essa expressão, de início com função dêitica, passa a ser empregada nos textos com o sentido absoluto do binômio grego-latim⁷. No primeiro registro conhecido da expressão com esse sentido, Horácio (65?-8? a.C)⁸ se dirige a Mecenas dizendo-lhe o seguinte:

<i>docte sermones utriusque linguae.</i>	tu que conheces bem os tratados de grego e latim.
--	---

Cerca de quatro séculos depois, mostrando que esse uso da expressão ainda está em voga, Santo Agostinho (354-430 d.C), na sua obra *A cidade de Deus*, ao fazer referência a Apuleio, declara o seguinte:

<i>in utraque autem lingua, id est Graeca et Latina, Apulius Afer extitit Platonicus nobilis.</i>	e nas duas línguas , isto é, na língua grega e, na latina, o africano Apuleio foi um platonista insigne.
---	---

Nessa frase, o bloco *Graeca et Latina* é introduzido pela fórmula *id est* (“isto é”), posposta, por sua vez, à expressão *utraque lingua*, reforçando-se, assim, o sentido de grego e latim como uma única e mesma língua. Para o autor, devemos enxergar nesses empregos da expressão *utraque lingua* não somente uma maneira de opor o grego e o latim às outras línguas, mas um movimento que coloca o grego e o latim em pé de igualdade, no que seria uma das “reações de defesa” contra o sentimento romano de inferioridade perante a língua grega, como a teoria da origem do latim a partir do grego, que teria sido defendida por gramáticos como Varrão (116-27 a.C)⁹. Na verdade, Varrão tem um papel muito importante na introdução da gramática em Roma, já que sua obra *De lingua latina* (“Sobre a língua latina”), composta por volta de 45 a.C, começa um importante processo de “latinização” da gramática, na medida em que revela as declinações e conjugações do latim, como mostram Colombat, Fournier e Puech (2017)¹⁰.

A obra de Varrão é um exemplo marcante dos efeitos da constante comparação entre o grego e o latim. Essa comparação permitiu não apenas o desenvolvimento sistemático das características da linguagem em geral, mas principalmente a própria gramatização da língua latina, processo pelo qual se transforma o imaginário do latim como “língua bárbara” em “língua de cultura”. Como afirmam Colombat, Fournier e Puech (2017, p. 108), “constantemente voltados para a comparação com o grego, utilizando os mesmos instrumentos de análise, os gramáticos latinos procuram estudar as características da linguagem *em geral* pelo do exemplo do latim”. Assim, ao invés de falarmos como Dubuisson (1981) em “reações de defesa” contra o sentimento romano de inferioridade perante a língua grega, devemos antes falar em gramatização, entendida, tal como descrita por Sylvain Aurox (1992)¹¹, como um processo de instrumentação das línguas que altera os espaços de comunicação e permite uma maior estabilidade linguística, uma vez que seus produtos, a gramática, o dicionário e outras publicações sobre a língua, ampliam e alteram a capacidade linguística dos falantes, construindo normas e referências, quer dizer, uma imagem de língua, de unidade linguística, sendo que aquilo que não é tratado nesses instrumentos linguísticos é tido como erro, desvio, regionalismo etc.

É no encaço desse processo de instrumentação do latim que se deve enxergar a construção de um imaginário da língua latina como língua de cultura, já que é constitutiva a relação entre língua e metalinguagem, entre língua e discurso sobre a língua, como argumentam Aurox (1992) e Orlandi (2002).

9. Mudança do estatuto da língua e da referência da nomeação: uma nota final sobre o efeito da modificação do status e do imaginário sobre a língua latina na forma como ela é nomeada

A comparação dos textos de Lucrécio e Propércio com o de Eginhard é ilustrativa do modo como se constrói e se modifica o estatuto e o imaginário sobre a língua latina ao longo da história. Dez séculos separam os poetas clássicos do escritor medieval. No entanto, como já mostramos, todos fazem uso das mesmas expressões *sermo patrius* e *patria lingua*. Da mesma forma, como demonstramos com nossas análises, a apreciação sobre as línguas que essas expressões nomeiam é a mesma tanto nas obras da Antiguidade quanto na obra da Idade Média.

Lembremos que Lucrécio lamenta a “pobreza” (*egestas*) do *sermo patrius*, pobreza essa que não permitiria traduzir o vocabulário filosófico de outra língua, da língua de cultura, o grego. Eginhard, por sua vez, quando escreve a biografia de Carlos Magno, alega que o imperador não estava “satisfeito” (*contentus*) com o *sermo patrius*, com a *patria lingua*, tendo, por isso, se dedicado ao estudo de outras línguas, das línguas de cultura, o grego e o latim. O que torna diferente o emprego das expressões *sermo patrius* e *patria lingua* nos trabalhos dos poetas clássicos em relação ao do escritor medieval é justamente a língua nomeada por elas. Em Propércio e Lucrécio, essas expressões nomeiam o latim; em Eginhard, o alemão austrasiano. Poderíamos resumir esquematicamente esses empregos das expressões da seguinte forma:

Século I a.C Propércio	Século I a.C Lucrécio	Século IX d.C Eginhard
<i>Patria lingua</i> ↓ Latim	<i>Patrius sermo</i> ↓ Latim X Grego	<i>Patrius sermo</i> <i>Patria lingua</i> ↓ Alemão austrasiano X Latim e Grego

No século I a.C., *patria lingua* e *patrius sermo* nomeiam o latim, caracterizado como uma língua pobre em relação ao grego, que, por sua vez, funciona como a língua de cultura na Antiguidade Clássica. Na divisão das línguas, temos, portanto, uma língua da cultura e a *patria lingua/patrius sermo*. No século IX d.C., ainda se dá essa divisão entre *patria lingua/patrius sermo* e língua de cultura. O grego continua na qualidade de língua de cultura e o latim passa a fazer parte dessa classe de língua. Há na Alta Idade Média, portanto, duas línguas de cultura, o latim e o grego. Outra língua passa a ser nomeada pelas expressões *patria lingua* e *patrius sermo*, no caso, o alemão austrasiano. Enquanto uma língua que não é de cultura, o latim pode ser chamado de *patria lingua/patrius sermo*, nomeação que não lhe cabe mais quando atinge

o patamar de língua de cultura. Dessa forma, as expressões *patria lingua/patrius sermo* parecem significar “língua que não é de cultura”.

Na passagem do latim para a posição de língua de cultura, fazendo par com o grego, se deve enxergar, com já dissemos, um processo de gramatização. Gramatizado, o latim alcança a qualidade de língua de cultura. No entanto, já nos séculos VI e VII d.C, enquanto fala, o latim não representa muito o chamado *estilo clássico*, expressão cunhada a partir de *classicus*, nome dado ao cidadão que pertence à primeira das cinco classes censitárias romanas, constituídas em função da contribuição de cada uma ao exército romano, conforme Dubuisson (2004). Segundo o autor, a escrita em latim estava circunscrita às ordens equestre e senatorial, que, embora representassem uma ínfima parte da população, detinham o monopólio do poder e da riqueza. Nesses termos, o latim clássico, definido a partir da imagem fornecida pela literatura latina, é, por excelência, uma língua de classe, ou melhor, uma escrita de classe.

Não estamos longe da formação dos vernáculos e da consciência da distinção entre esses idiomas e o latim, momento de emergência da expressão língua materna, que surge no século XII significada por uma suposta facilidade e inferioridade em comparação com a língua latina, que, por sua vez, gramatizada, permanece por toda Idade Média como a língua da cultura, caracterizada como uma língua civilizada. Mais tarde, com a entrada em cena dos Estados nacionais e gramatização dos vernáculos europeus, que ganham uma escrita e passam a assumir espaços até então exclusivos ao latim, são justamente esses vernáculos que são alçados à posição de língua de cultura, circunstância que terá incidência sob a forma como a expressão língua materna será representada, levando, por exemplo, ao efeito de coincidência entre os sentidos de língua materna e língua nacional.

Queremos mostrar com tudo isso que o status e a relação das línguas não são fixos, que seu funcionamento pode mudar ao longo da história, estabelecendo-se novas redes de sentido e promovendo-se diferentes formas de nomeá-las. E como já dissemos em outra ocasião, o nome da língua nos permite analisar como o objeto “língua” foi construído por aqueles que refletiram sobre a linguagem, como foi apreendida a diversidade linguística e como se deu o próprio desenvolvimento das ideias linguísticas, estando longe, portanto, de ser uma questão banal.

Referências bibliográficas

- AQUINO, José Edicarlos de. **A origem medieval da expressão língua materna**: uma história contra a evidência de sentidos de um termo canônico na reflexão sobre a linguagem. *Gragoatá*, Niterói, v. 24, n. 48, 2019. p. 50-74.
- AQUINO, José Edicarlos de. Reflexões sobre a noção de língua materna. In: ABRAHÃO E SOUSA, Lucília Maria et al (Org). **Travessias em discurso**: a língua na história. São Carlos: Pedro e João Editores, 2017. p. 19-49.
- AQUINO, José Edicarlos de. Para além da figura da mãe: reflexões sobre a noção de língua materna. **Línguas e Instrumentos Linguísticos**, v. 1, n. 37, 2016. p. 125-153.
- AQUINO, José Edicarlos de. **O que há de materno na língua?**: considerações sobre os sentidos de língua materna no processo de gramatização brasileira nos séculos XIX e XX. 2012. 204 f. Dissertação – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2012a.
- AQUINO, José Edicarlos de. Os nomes da língua na Grammatica Portugueza de Júlio Ribeiro. **Línguas e Instrumentos Linguísticos**, v. 1, n. 30, 2012b. p. 71-99.
- AUROUX, Sylvain. **A revolução tecnológica da gramatização**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1992.
- BATANY, Jean. L'amère maternité du français medieval. **Langue Française**, Paris, v. 54, n. 1, 1982. p. 29-39.
- BENVENISTE, Émile. **O vocabulário das instituições indo-europeias**. Campinas: UNICAMP, v. 2, 1995.
- CHANTRAINE, P. Quelques emprunts du grec au latin. **Revue des Études Latines**, Paris, n. 15, 1937, p. 88-91.
- COLOMBAT, Bernard; FOURNIER, Jean-Marie; PUECH, Christian. **Uma história das ideias linguísticas**. São Paulo : Contexto, 2017.
- DUBUISSON, Michel. Le pouvoir et la langue: le cas du latin classique. **Cahiers de l'ILSL**, n. 17, 2004. p. 33-43.
- DUBUISSON, Michel. **Utraque lingua**. AC, n. 50, p. 274-286, 1981.
- EINHARD. **The Life of Charlemagne**. Trad. Samuel Epes Turner. New York: Harper & Brothers, 1880.
- GABBA, Emilio. Il latino come dialetto greco. In: **Roma arcaica**: storia e storiografia. Roma, Edizioni di Storia e Letteratura, 2000. p. 159-164.

- GRONDEUX, Anne. La notion de langue maternelle et son apparition au Moyen Age. In: VON MOOS, Peter (Éd.). *Zwischen Babel und Pflingsten / Entre Babel et Pentecôte*. Zurich : Berlin : Lit Verlag, 2008. p. 339-356.
- GUIMARÃES, Eduardo. **Semântica do acontecimento**: um estudo enunciativo da designação. 2. ed. Campinas: Pontes, 2005.
- HENRY, Paul. Apêndice: sentido, sujeito, origem. In: ORLANDI, Eni. **Discurso fundador**: a formação do país e a construção da identidade nacional. Campinas: Pontes, 1993. p. 151-162.
- ORLANDI, Eni P. **Língua brasileira e outras histórias**: discurso sobre a língua e ensino no Brasil. Campinas: RG, 2009.
- ORLANDI, Eni P. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. 7. ed. Campinas: Pontes, 2007.
- ORLANDI, Eni P. **Língua e conhecimento linguístico**: para uma história das ideias linguísticas no Brasil. São Paulo: Cortez, 2002.
- OVÍDIO. **Les Métamorphoses**. Trad. J. Chamonard. Paris : Librairie Garnier Frères, 1936.
- OVÍDIO. **Le metamorfosi**. Trad. Guido Paduano. Torino: Giulio Einaudi editore, 2000.
- ROCHETTE, Bruno. Les noms de la langue en latin. **Histoire Epistémologie Langage**, v. 31, n. 2, 2009. p. 29-48.
- TOMBEUR, Paul. Maternitas dans la tradition latine. *CLIO. Histoire, femmes et sociétés*, Toulouse, n. 21, 2005. p. 1-6.
- VEYNE, Paul (Org.) **História da vida privada**: do Império Romano ao ano mil. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- WOLFF, Philippe. **Les origins linguistiques de l'Europe occidentale**. Paris : Hachette, 1970.

Notas

* Mestre e doutor em Linguística, na área de História das Ideias Linguísticas, pela Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP. É também portador de diploma de doutorado em Sciences du Langage pela Université Sorbonne Nouvelle - Paris 3. Atualmente é docente da Universidade Federal do Tocantins (UFT).

¹ Para uma análise pormenorizada das estratégias de tradução dos textos da Antiguidade e da Alta Idade Média, as nossas e as dos tradutores mencionados neste ensaio, ver Aquino (2012a).

² Para evitar ambiguidade, ao fazermos referência a uma forma latina, sempre a empregamos no caso nominativo.

³ Recolhido da página eletrônica *The Latin Library* <<http://www.thelatinlibrary.com/ein.html>>.

⁴ Recolhido de Tombeur, 2005, p. 6. Tombeur corta a parte final da tradução Éginhard. O texto-fonte continua da seguinte maneira: “Grecam vero melius intellegere quam pronuntiare poterat”, algo como, “mas ele podia entender o grego melhor do que pronunciá-lo”.

⁵ Recolhido da página eletrônica *Internet Medieval Sourcebook* <<http://www.fordham.edu/halsall/basis/einhard.html>>.

⁶ Os fragmentos das obras de Propércio de Lucrécio utilizados aqui são tomados de Batany, 1982.

⁷ *Uterque* é um adjetivo latino empregado nos textos com o sentido de dualidade. Ele recupera textualmente coisas ou pessoas já citadas. Sendo assim, como observa Dubuisson (1981), *utraque lingua* pode marcar duas línguas que acabaram de ser citadas em um texto. Em Horácio e Quintiliano, por exemplo, a expressão é usada para evitar repetições. Nas passagens em que a expressão *utraque lingua* aparece para retomar duas línguas anteriormente citadas, as línguas recuperadas são sempre o grego e o latim.

⁸ Os trechos de Horácio e Santo Agostinho são tomados de Dubuisson, 1981.

⁹ Uma discussão mais detalhada sobre essa questão pode ser encontrada em Emilio Gabba, *Il latino come dialetto greco*. In: *Roma Arcaica: storia e storiografia*, 2000, p. 159-164

¹⁰ *De lingua latina* foi composta originalmente de vinte e cinco livros. Apenas seis chegaram até nós (V-X). Nessa obra, Varrão realiza um triplo empreendimento, examinado 1) como as palavras foram atribuídas às coisas; 2) como as palavras são flexionadas segundo os “casos”; 3) como as palavras são associadas. Disso resulta um tratamento também em três partes: 1) *impositio* (livros I a VII), estudada pela etimologia; 2) *declinatio* (talvez os livros VIII a X), sobre a flexão; 3) *coniunctio* (livros XIV a XXV), que aborda a ligação das palavras, correspondendo àquilo que hoje tratamos como sintaxe. Estabelece a famosa divisão entre *derivatio uoluntaria* (morfologia derivacional) e *derivatio naturalis* (morfologia flexional). Varrão ocupa um lugar à parte na produção gramatical latina por não seguir o procedimento pedagógico dos gregos em construir sua exposição em torno das partes do discurso, também em virtude da composição de uma terminologia própria em um momento em que o vocabulário latino especializado era incipiente. Cf. Colombat, Fournier e Puech, 2017.

¹¹ “Por gramatização deve-se entender o processo que conduz a *descrever* e a *instrumentar* uma língua na base de duas tecnologias, que são ainda hoje os pilares de nosso saber metalinguístico: gramática e o dicionário” (AUROUX, 1992, p. 65).